

A TODO AQUELE QUE BEBER DE MINHA ÁGUA ESTARÃO ABERTAS AS PORTAS DA FELICIDADE. Talvez valha a pena tentar, pensa a moça enquanto olha de longe o vaso, se bem que o amigo que lhe deu o mesmo de presente duvidava um pouco da veracidade dessas inscrições. É uma réplica de vaso etrusco, disse ele, e como se sabe não temos quase nenhuma informação sobre o alfabeto desse povo, por isso é muito difícil que esses desenhos tenham sido interpretados. Eu devia ter dito isso ao vendedor, mas o caso é que achei o vaso bonito e resolvi comprar. Não importa que tenha me tomado por um idiota igual a todos os turistas que acreditam em tudo o que se diz sobre a cultura de um país estrangeiro. Depois, como você vê, a cerâmica é da boa e sempre vale a pena a gente ter um pouco de felicidade em casa, mesmo que seja só de enfeite. . .

Deitada na varanda, corpo mole em meio às almofadas macias, cabeça pesada, a moça é um barco errante em busca de um porto seguro, um cais qualquer nesse caos de pensamentos e lembranças. No calado da mente, ondas de ilusão sobem e descem, as horas passam arrastadas, os dedos deixam cair mais uma taça de champanhe francês que escorre pelas coxas como um beijo morno e ácido. No céu as estrelas parecem flocos de confete, se espalham e mingam como as pupilas que cedem com o peso das pálpebras. O barco atraca num salão de festas, purpurinas e plumas se derramam junto à música que cresce. E dançam, dançam, ela e ele dançam valsas e boleiros até a meia-noite quebrar os sapatos de cristal.

Sentado à mesa — a folha branca à sua frente — caneta mexendo-se entre os dedos, cansativa, o homem tenta escrever alguma coisa, mas tudo que lhe vem à cabeça são palavras bêbadas que se perdem na vodca e no tédio. O som dos sintetizadores e das flautas não ajuda muito, o momento pede música mais cadenciada, quem sabe um concerto para violino e orquestra? É preciso encontrar um símbolo, uma forma qualquer que impeça a dispersão dos pensamentos.

O calor da madrugada infla as velas, solta as amarras e o barco segue a navegar de novo no mar aberto da realidade. A moça acorda, esfrega os olhos e em seguida abre a boca num bocejo de preguiça e náusea, deixando cair as mãos espalmadas sobre os seios nus. Ao mesmo tempo contrai e relaxa os dedos dos pés que parecem doer mais que os peitos melados de champanhe e esperma seco. Os olhos, duas chamas verdes em meio às sombras da noite envelhecida, fixam-se momentaneamente nas estrelas. Tudo agora se parece mais com um bando de vagalumes a piscar sem tréguas junto ao choro manso e leitoso da lua. Um cheiro enjoativo, mistura de álcool e sêmen, nasce lento no ar e toma os sentidos, fazendo com que ela se levante e procure lavar na água morna do chuveiro as sobras desse amor já esquecido.

Água morna, solidão atroz, águas mornas de amores esquecidos. Talvez essas imagens me sirvam, pensa o homem por instantes. A verdade é que as horas, minutos e segundos, engrenagens inquebráveis do tempo, fazem teatro de fantoches com os ponteiros do relógio, ao passo que a imaginação, a caneta e o papel não se entrosam para construir as linhas. Enfim, write or not to write? Quem sabe uma peça com protagonista feminino? Críticas à sociedade, nuances de lirismo, angústia, ilusão. . . Merda! Isso cheira à receita de bolo, pudim de massa pronta, rocambole de literatura. . . Continua é faltando um símbolo!

Pele fresca, cabelos úmidos, lábios secos, a moça pensa em abrir outro champanhe. Na varanda, em meio às almofadas, os cacos de cristal da taça quebrada são mais uma mancha do tédio que as brumas da noite não conseguem apagar. Sobre a mesa da sala, irônico frente aos dramas cotidianos, o vaso dribla a lógica com seus símbolos mágicos de fantasia. Quem sabe se não é verdade, pensa a moça, pode ser que essa água me faça algum bem. Será? Lendas, lendas, tudo na vida são lendas, a começar pela felicidade. Felicidade. . . vai ver ela não passa

mesmo de uma calça velha, azul e desbotada. E tudo que eu tenho agora é essa merda de vaso! A moça pensa em quebrar o objeto e beber a sua água. Por instantes hesita, ereta sobre as almofadas como uma esfinge de pedra. E se eu me arrepender depois? Estragar um presente assim à-toa. . . Grande presente! Também o que é que eu podia esperar de um escritor que só pensa em arte antiga e dialética? Acho que nada melhor que esse. . . vaso etrusco! Quando a gente está cercada de poetas. . . A moça solta o corpo lentamente, relaxa, acomoda-se lânguida, as pernas abrem-se e fecham-se em movimentos cadenciados como as asas de um cisne. O polegar e o médio esquerdos se aventuram, curiosos, por entre os pelos molhados, revolvem, se abrigam nas estranhas mais profundas. Sempre a mesma coisa, resmunga entre dentes — uma sensação gostosa crescendo — uns me levam prá jantar e falam do sucesso profissional, das viagens, das façanhas. . . E depois que gozam pedem desculpas por não poderem passar a noite, afinal, você sabe benzinho, os compromissos amanhã. . . Já outros são delicados demais, amigos demais, ternos demais! Falam da miséria e da fome, citam trechos de poesia, tudo bonito demais e a gente fica sem um pingo de tesão, ai! (um vazio súbito aperta muito forte, os dedos cortam feito lâminas de aço).

Talvez um poema. Sim, um poema pode pôr pra fora esse nó parado na garganta! As horas devoram a noite silenciosa, a folha de papel em branco espera que a caneta tome alguma decisão. O homem, entretanto, se levanta e prepara mais uma dose de vodca com gelo. Não seria melhor estudar o alfabeto dos etruscos em vez de ficar esperando inspiração? O tempo corre. Entre as sombras que embrulham a solidão e a madrugada muitas lembranças desfilam, raios de luz no breu do peito, alguma coisa vai tomando forma, saindo da névoa, nascendo das cinzas do silêncio. De repente a caneta mergulha e um título aparece sobre o branco papel. A voz do homem corta fundo o ar parado da noite embalsamada.

A moça esquece de vez o champanhe e segura firme o vaso de barro. Na pia da cozinha, brilhando sobre o mármore, um facão de cortar carne está bem ao alcance da mão. Um minuto. Num golpe seco e único o gargalo se estilhaça em mil e um pedaços coloridos, enquanto um copo de geléia recolhe o líquido que flui cheio de esperanças escondidas.

O vaso, sim, é claro! O vaso que eu dei de presente! Como é que eu não pensei nisso antes! Ma che vero imbecile sono io! A cara de espanto da musa, um lago de inquietação nos olhos verdes. . . Agora eu vejo tudo nas dezenas de cacos espalhados pelo chão. A caneta já pode correr solta sobre o branco desse papel teimoso, a noite se iluminou e ganhou vida, uma nova história está começando a nascer. . .